



RECORTES DE IMPRENSA

NOVEMBRO 2014



COM O APOIO:





APAV alerta para importância da prevenção do bullying

A APAV vai assinalar o Dia Mundial do Combate ao Bullying, comemorado no dia 20 de outubro, alertando para a importância de prevenir este fenómeno que «deixa grandes marcas na comunidade escolar» e nas vítimas.

«É um dia de alerta para continuarmos a sensibilizar a combater o bullying e a apoiar as suas vítimas», disse à agência Lusa o presidente da APAV, João Lázaro.

A APAV «vai relembrar mais uma vez a necessidade da prevenção, relativamente aos jovens, deste fenómeno que está a deixar grandes marcas na comunidade escolar e em cada uma das suas vítimas», acrescentou.

Segundo o estudo da Unicef sobre a violência contra crianças “Escondido à vista”, com base em dados de 190 países, uma em cada três crianças, com idades entre os 13 e os 15 anos, em todo o mundo são regularmente vítimas de bullying na escola.

João Lázaro sublinhou que é preciso consciencializar a sociedade para esta forma de violência e apoiar as vítimas para que denunciem as situações.

«É claramente uma questão de consciência e de consciencialização social de cada um dos pares, ou seja, haver um controlo social positivo, saudável, entre os alunos, os jovens para que isso não possa acontecer», defendeu.



Passa também por consciencializar os jovens que façam «pressão social», alertando quem faz bullying para o «errado e para as consequências» dos seus atos, frisou.

Mas, defendeu ainda, é preciso sobretudo «dar força a quem é vítima», consciencializando-o de que «não tem de ser vítima» e que, com ajuda, pode acabar com a situação.

João Lázaro adiantou que ainda «há claramente muito medo de denunciar» estes casos, uma situação que poderá mudar, através de apoio dado nas escolas, de um trabalho de mediação e «do próprio conhecimento por parte das estruturas organizativas das escolas» destas situações.

No entanto, segundo o responsável, já começam a chegar à APAV algumas denúncias, sendo as «mais gravosas» feitas pelos pais.

No Dia Mundial de Combate ao bullying, associação vai também «relembrar todo o trabalho de prevenção» que está a ser realizado nas escolas pela associação e por outras organizações e lembrar os jovens de que no site “APAV para jovens” têm informação sobre este tipo de violência.

Essa informação pode ser procurada de uma «forma confidencial» no site (www.apavparajovens.pt), «que dá informações sobre como compreender o fenómeno e como o jovem pode lidar com ele», sublinhou João Lázaro.

Para assinalar a data, a APAV associou-se também ao jovem cantor D8 que vai lançar uma música sobre o tema, com o título “Vais conseguir”, que fala do que é ser vítima de bullying e como é conviver com essa situação no dia a dia de uma escola.

A APAV desenvolveu a campanha “Corra com a Violência”, salientando que «o combate ao bullying não é uma tarefa de um dia nem de algumas pessoas, mas de todos os dias e de todas as pessoas».



Avenida Central nº 82, 2º Frente
 4710-229 Braga
Tel: 253 267 314/5
Fax: 253 267 316



Janine Azevedo Soares e Paula Alves Viana
ADVOGADAS

APOIO À VÍTIMA DE VIOLÊNCIA

Cara Leitora,

Existe efectivamente em Portugal um fundo do Estado que pode ser activado em benefício das vítimas de crimes violentos e das vítimas de violência doméstica. No entanto, é necessária a verificação de certos requisitos, uma vez que em qualquer tipo de crime o dever de indemnizar a vítima recai sobre o autor do crime.

Assim, só nas situações em que a vítima ficou em sérias dificuldades económicas na sequência do crime cometido, cumulativamente com a impossibilidade de receber em tempo útil uma indemnização por parte do autor do crime, existirá o direito a ser indemnizado por parte do Estado Português.

No caso das vítimas de violência doméstica, se eventualmente ficarem numa situação de grave carência económica, têm direito a receber do Estado, durante três meses, prestações mensais que nunca serão superiores ao salário mínimo nacional. Excepcionalmente, estas prestações poderão ser prolongadas por mais três meses e, em situações de especial carência, por mais seis, não podendo exceder os doze meses.

No que diz respeito às vítimas de crimes violentos, poderá ser-lhes atribuída uma indemnização por parte do Estado quando o indivíduo que praticou o crime não a possa suportar. Neste caso, exige-se ainda que o prejuízo verificado tenha causado uma perturbação considerável do nível e qualidade de vida da vítima.

Neste tipo de crimes têm direito a esta indemnização as vítimas de lesões corporais graves

directamente resultantes de actos de violência. No caso de morte da vítima, têm direito a ser indemnizadas as pessoas a quem a lei concede o direito a alimentos, as que vivam em união de facto com a vítima e ainda as pessoas que auxiliaram a vítima ou colaboraram com as autoridades na prevenção do crime, perseguição ou detenção do indivíduo que o praticou, sempre em função dos prejuízos que por causa do crime sofreram.

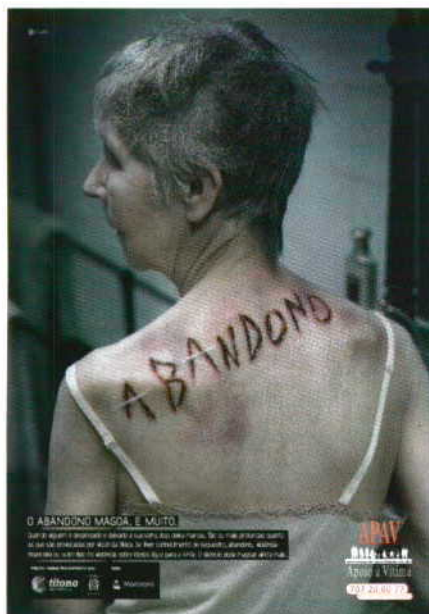
Para recorrer a estes apoios é necessário preencher o formulário próprio junto da Comissão de Protecção às Vítimas de Crimes ou dos Gabinetes de Apoio à Vítima da APAV. No caso de vítimas de violência doméstica, devem ainda anexar ao formulário cópia da denúncia apresentada ou do auto de notícia redigido pela autoridade policial nos seis meses a contar da data dos factos. No caso de vítimas de crimes violentos, o pedido pode ser apresentado até um ano a partir da data do crime ou, se houver processo criminal, até um ano após a decisão final proferida (sentença).

O pedido destes apoios está isento do pagamento de quaisquer custas ou encargos para a vítima.

Para obter informações mais específicas, poderá sempre contactar um dos vários Gabinetes de Apoio à Vítima da APAV existentes em Portugal.

**Falaram-me da
 existência de um
 fundo que apoia as
 vítimas de violência
 doméstica e de
 crimes violentos.
 Gostaria de saber
 se de facto existe
 e como poderei
 beneficiar dele?**





Número de pais agredidos pelos filhos tem vindo a aumentar

Entre 2004 e 2012, segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) houve 3988 pais agredidos pelos filhos que procuraram ajuda na associação. Na maioria dos casos, não apresentam queixa à polícia, apesar de relatarem crimes graves. Para Maria Oliveira, são das situações mais delicadas que chegam à APAV, reconhece a assessora técnica da direção. "É muito complicado um pai ou uma mãe apresentar uma queixa contra um filho", explicou ao Público. "E se estamos a falar de pessoas já com uma certa idade, as agressões acontecem, muitas vezes, em contextos de grande dependência física e emocional. Um número residual de pessoas avança com queixa-crime." Em média, nos nove anos de trabalho em estudo, a associação recebeu, por dia, pelo menos um pedido de apoio ou uma denúncia

relativos a homens e mulheres vítimas dos filhos — sendo que o número de vítimas do sexo feminino (81%) foi sempre, claramente superior ao número de vítimas do sexo masculino. A tendência tem sido para um aumento das queixas e consequente abertura de processos de apoio. Em 2012 bateu-se um recorde: 608, contra 299 em 2004. Estão em causa, em nove anos, mais de nove mil crimes, cometidos por filhos contra os progenitores. Na maior parte dos casos, são relatados pelas vítimas, mas por vezes a denúncia chega porque uma terceira pessoa se envolve e apresenta queixa. Os maus-tratos físicos e os maus-tratos psíquicos são os mais frequentes e representam 60% do total dos crimes relatados. Mas também há casos de ameaças e coação, de difamação e injúrias, de violação de obrigação de alimentos, de furtos e roubos, de crimes de natureza sexual, entre outros, segundo a análise estatística divulgada na terça-feira com o título "Crimes de violência doméstica: filhos que agredem os pais 2004-2012". O documento surge a propósito do Dia Internacional da Pessoa Idosa, que se assinalou ontem. Em 2013, a associação apoiou 774 pessoas com 65 ou mais anos (não tendo ainda analisado quantas destas foram vítimas dos filhos). Sendo certo que nem só pais idosos sofrem agressões dos filhos, a análise 2004-2012 mostra que o principal grupo de vítimas é, precisamente, o dos 65 ou mais anos — 40,3% dos casos acompanhados pela APAV. Maria Oliveira admite ainda que a crise económica potencia os problemas, admite. "O regresso dos idosos a casa dos filhos — filhos que querem ficar com a pensão de reforma dos pais — e os casos dos filhos que colocam os pais em instituições, contra sua vontade", são situações cada vez mais reportadas. Os filhos agressores são, maioritariamente, do sexo masculino (71%). E têm entre 26 e 45 anos (42,9% dos casos). Também há, contudo, menores a atacarem os pais — em 5,7% dos casos acompanhados pela APAV nos nove anos analisados. A APAV tem uma Linha de Apoio à Vítima (com o número 707200077) e presta apoio psicológico, jurídico e social.



ABC Saúde

Artigo da responsabilidade da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Gouveia

Segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), a violência doméstica comporta comportamentos no âmbito de um relacionamento, por uma das partes, sobretudo para controlar a outra. As pessoas envolvidas podem ser casadas ou não, ser do mesmo sexo ou não, viver juntas, separadas ou namorar. Todos podemos ser vítimas de violência doméstica. As vítimas podem ser ricas ou pobres, de qualquer idade, sexo, religião, cultura, grupo étnico, orientação sexual, formação ou estado civil.

A violência doméstica é bastante falada por parte dos média, mas será que chega a todos?! O crime de violência doméstica, sim, considerado crime e punível com pena de prisão, abrange todos os atos de crime e que sejam praticados neste âmbito. Estes podem ser de natureza física, sexual, psicológica ou económica. Assim, podemos dividir o crime em: violência do-

méstica em sentido estrito, considerados os maus tratos físicos e psicológicos, ameaças, coações, injúrias, difamação e crimes sexuais; violência doméstica em sentido lato, considerados a violação de domicílio ou perturbação da vida privada, imagens, conversas telefónicas, emails, revelar segredos privados, violação de correspondência, violação sexual, subtração de menor, violação de obrigação de alimentos, homicídio, dano, furto e roubo.

Quando falamos em violência doméstica, esta engloba vários tipos de abusos: violência emocional, violência social, violência física, violência sexual, violência financeira e perseguição.

Posto isto, não poderíamos deixar de referir o ciclo da violência doméstica que, em regra geral, tem três fases: aumento de tensão, ataque violento e lua-de-mel. Refiro-me a ciclo pois é contínuo

no tempo e repetido ao longo do tempo. O ciclo é interrompido muitas vezes com homicídio, a situação limite.

Continua a ser visível o medo que a sociedade tem em relatar estes casos às autoridades, ou mesmo a associações de apoio à vítima. A reação do parceiro à sua situação de vitimação é única e normalmente pensa-se que vai ser sempre a última vez porque "o parceiro ama muito a outra parte".

Direcionando-nos mais ao sexo feminino, a violência doméstica não pode ser vista como um destino que a mulher tem que aceitar passivamente. O destino sobre a sua própria vida pertence-lhe, deve ser ela a decidi-lo, sem ter que aceitar resignadamente a violência que não a realiza enquanto pessoa. Apesar de as mulheres sofrerem maiores taxas de violência doméstica, os homens também são vítimas deste crime. As mulheres

Violência Doméstica

também cometem frequentemente violência doméstica, e não o fazem apenas em auto-defesa. Os homens vítimas de violência doméstica experimentam comportamentos de controlo, são alvo de agressões físicas e psicológicas, bem como também estes receiam abandonar relações abusivas. O medo e a vergonha são, para estas vítimas, a principal barreira para fazer um primeiro pedido de ajuda. Estes homens receiam ser desacreditados e humilhados por terceiros se decidirem denunciar a sua vitimação.

Alguns mitos passam por "o consumo de drogas é que faz com que seja violento", "só as mulheres de meios sociais desfavorecidos sofrem de violência doméstica", "quanto mais me bates mais gosto de ti", "uma bofetada não magoa ninguém", "o marido tem direito de bater na mulher quando ela se porta mal", "o marido tem direito

ao corpo da mulher", "Tem que aguentar para não terminar o casamento" ou "há mulheres que provocam os maridos, não me admira que se descontrolem".

Seja mulher ou homem, autovalorize-se! A violência doméstica pode chegar a todas as classes sociais. Quem está junto com outra pessoa é defendida a proteção e o carinho, porque quem gosta cuida. Uma bofetada é o princípio de muita coisa, hoje a mão, amanhã o braço e depois de amanhã o corpo todo. O marido não tem direito a mais nem a menos, os direitos e deveres são iguais desde a emancipação da mulher. Terminar o casamento poderá trazer-lhe alguma paz, a si e à sua família.

Em caso de ajuda, ligue o 112. Contate o número 800 202 148 (linha de informação às vítimas de violência doméstica), 213 587 900 (APAV) ou pelo e-mail: apav.sede@apav.pt ■



PSP REALÇA QUE O CRIME CONTRA IDOSOS “NÃO TEM GRANDE EXPRESSÃO”

Informar para prevenir violência contra idosos

ISABEL RODRIGUES MONTEIRO

isabel.monteiro@verdadeiroolhar.pt

Porque a segurança não tem idade, decorreu na passada quinta-feira, no Fórum de Ermesinde, uma acção de sensibilização sobre “Violência contra Idosos”. Numa acção da Câmara de Valongo que juntou a PSP e a APAV (associação de Apoio à Vítima) ficaram os conselhos e as entidades a quem devem recorrer as vítimas ou quem tem conhecimento de casos de violência contra os mais velhos.

Na área de intervenção da PSP da Divisão da Maia, que engloba Valongo e Ermesinde, o “crime contra idosos não tem grande expressão”, afirmou ao VERDADEIRO OLHAR Luís Barros, chefe da área operacional da divisão da Maia. Luís Barros admite que “pode acontecer também de não ser denunciado ou nem sequer se apercebem que são vítimas”.

No âmbito do modelo integrado de policiamento de proximidade efectuado pela PSP insere-se, para além do programa Escola Segura e Comércio Seguro, o programa Idosos em Segurança. Perante uma plateia de



seniores, Fernando Rodrigues, chefe responsável pela supervisão do policiamento de proximidade, explicou que os elementos da PSP têm uma ficha de sinalização que é preenchida com os dados da vítima, sendo depois o caso encaminhado para entidades como a APAV, a Câmara Municipal e a ADICE, instituições parceiras. A segurança dos idosos, garantiu, é uma prioridade da PSP. Fernando Rodrigues elencou alguns dos crimes perpetrados contra idosos, como a burla, sequestro, violência doméstica, entre outros, alertando para a im-

portância da sua denúncia, devendo recorrer, sempre que necessário, às forças de segurança. O responsável explicou ainda que a denúncia, uma obrigação de todos porque se trata de um crime público, pode ser feita junto da PSD, GNR, Polícia Judiciária e do Ministério Público. “Não tenham receio de ir à esquadra ou de abordar o elemento policial”, disse.

Marlene Fonseca, da APAV, descreveu os vários tipos de violência que a população sénior pode ser vítima e as consequências que daí advêm, nomeadamente a vergonha de

revelarem o problema, a fragilidade emocional e a falta de confiança no sistema de justiça, o isolamento, mas também a autodesvalorização, levando as vítimas a considerarem que até merecem aquele tipo de violência. Também Marlene Fonseca advertiu para o “problema real e grave” que é a violência contra idosos e o dever de todos nós de denunciar as situações. Escutar atentamente, não emitir juízos de valor, informar dos direitos e que pode pedir ajuda foram alguns dos conselhos deixados à plateia.

Histórias
da nossa revista

25 DE NOVEMBRO:
DIA INTERNACIONAL
PELA **ELIMINAÇÃO DA**
VIOLÊNCIA CONTRA
AS MULHERES

NÃO SEJA A PRÓXIMA VÍTIMA

Os casos tendem a aumentar de ano para ano, mas já não existem razões para sofrer em silêncio, há mais apoio à vítima.

SÓ no último ano, a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) atendeu cerca de 40 mil pessoas. E referimos apenas aos casos que se dão a conhecer. Outros só sabemos da sua existência quando alguém morre. A verdade é que, apesar

de cada vez mais a violência doméstica ser noticiada e dada a conhecer, ainda é um assunto silencioso. As pessoas preferem não falar a denunciar quem amam. Mas é de referir que, em Portugal, existe uma larga rede de apoio, de encaminhamento

e proteção às vítimas sustentada por inúmeros organismos, por instituições privadas e também por organizações não-governamentais.

Ainda assim, a violência doméstica está a aumentar, uma situação justificada muitas vezes com a crise económica que o País atravessa. Só este ano, já vai em 32 o número de mulheres mortas num contexto familiar. Os números subiram significativamente de 2012 para 2013. Em 2012, foram contabilizadas 37 mortes e em 2013 houve 40 homicídios conjugais, dos quais 30 foram de mulheres. Muitos

Procure ajuda!

Se não tem coragem de contactar as autoridades, procure a APAV, só não sofra em silêncio. O NÚMERO DA LINHA DE APOIO À VÍTIMA É O 707 200 077 E FUNCIONA NOS DIAS ÚTEIS, DAS 10 H ÀS 13 H E DAS 14 H ÀS 17 H.

dos casos têm uma relação direta com o consumo de álcool e drogas e, muitas vezes, o que dificulta a denúncia é o facto dos companheiros, durante os períodos de sobriedade, poderem apresentar um comportamento mais dócil (ver Ciclo da Violência Doméstica, em caixa).

107 crianças órfãs de mãe

De acordo com os relatórios da UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta), em Portugal, 59 por cento das pessoas do sexo feminino morre devido a

Conheça o Ciclo da Violência Doméstica

A violência doméstica funciona como um sistema circular – o chamado Ciclo da Violência Doméstica – que apresenta, regra geral, três fases:

- 1. AUMENTO DE TENSÃO:** As tensões acumuladas no quotidiano, as injúrias e as ameaças tecidas pelo agressor criam, na vítima, uma sensação de perigo iminente.
- 2. ATAQUE VIOLENTO:** O agressor maltrata física e psicologicamente a vítima; estes maus-tratos tendem a escalar na sua frequência e intensidade.
- 3. LUA-DE-MEL:** O agressor envolve agora a vítima de carinho e atenções, desculpando-se pelas agressões e prometendo mudar (nunca mais voltará a exercer violência).

Nota: Em situações-limite, o culminar destes episódios poderá ser o homicídio.



violência doméstica. Além disso, durante o ano passado, foram reportados maus-tratos físicos a 161 crianças neste contexto, sendo que já 107 ficaram órfãs.

A fim de, mais uma vez, sensibilizar as pessoas para uma situação que acontece diariamente e, quem sabe, no apartamento do lado, no Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres, assinalado a 25 de novembro, a APAV realiza as

I Jornadas Contra a Violência Doméstica. Uma sensibilização a acontecer na Escola de Direito da Universidade do Minho, em Braga. Mas, no mesmo dia, em Lisboa, também a Rua Augusta será palco de mais uma iniciativa, que junta as mulheres, e não só, numa só voz contra esta situação. A APAV recorda que o fenómeno da violência doméstica contra as mulheres abrange vítimas de todas as condições e estratos sociais e económicos e que os seus agressores também são de diferentes condições e estratos sociais e económicos. De acordo com os dados da Associação, as mulheres representam mais de 81 por cento

Muitas crianças perdem a mãe devido a este tipo de crime



(Continua na página seguinte)

Histórias
da nossa revista

JÁ MORRERAM 32 mulheres em Portugal

(continuação da página anterior)

das pessoas atendidas na sua rede nacional, de 15 gabinetes de apoio à vítima espalhados pelo País.

Um caso real a reter

Por muito que uma mulher queira denunciar o marido, namorado ou companheiro, o medo de ser apanhada a fazê-lo pode ser um entrave. Mas uma vítima nos Estados Unidos encontrou uma forma bastante original de alertar a Polícia. Ligou para o

número de emergência e fingiu que estava a encomendar uma *pizza*. Inicialmente, não foi bem interpretada, mas assim que do outro lado da linha se aperceberam que se tratava de um pedido de socorro disfarçado, enviaram um carro-patrulha e salvaram esta mulher dos maus-tratos do namorado, que se encontrava alcoolizado.

A conversa foi publicada na rede social Reddit e divulgada posteriormente pelo

jornal britânico *Metro*. “A chamada começou de uma forma muito estranha, mas depois percebi que se tratava de uma situação realmente grave”, contou a pessoa que atendeu na linha de emergência, de forma anónima, na rede social. “Foi uma atitude muito inteligente”, acrescentou (ver diálogo na caixa de texto).

Em Portugal, já são quase 500 os agressores que cumprem

pena ou aguardam julgamento por violência doméstica. E os números não param de aumentar! Recentemente, foram divulgados vários casos neste contexto na Imprensa. Um dos mais recentes aconteceu perto de Interlaken, na Suíça, com vítimas e agressor portugueses. Um homem seguiu a ex-mulher e o atual companheiro desde as Caldas da Rainha até à Suíça e matou os dois, alegadamente, pondo termo à vida de seguida. No final de outubro, aconteceu outro caso em Soure, Coimbra: um homem de 49 anos terá esfaqueado a mulher, de 47, e a filha, de 16, levando-as à morte. Mais recentemente, em Abrantes, um homem de 52 anos foi detido por suspeita de violência doméstica e posse de arma.

UNIDAS CONTRA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

O arranque das III Jornadas Contra a Violência Doméstica e Género, que decorrem até 5 de dezembro, juntou várias figuras públicas no Teatro Thalia, em Lisboa. **Bárbara Guimarães** foi uma das convidadas e leu o testemunho marcante de uma mulher que acabou por morrer, estrangulada, às mãos do marido.





DOCUMENTO

Os números são assustadores... Em 2013 foram identificados pela APAV 8733 casos de violência e 37 222 contactos com a associação (por vítimas ou alguém por elas). O medo e a vergonha que as vítimas sentem são entraves à condenação dos agressores.

Em 2013 foram registados 40 homicídios em contexto conjugal e este ano já morreram 32 mulheres. O Governo tem assumido o compromisso de combater a Violência Doméstica e de Género, com várias novas medidas que se estendem inclusivé à reabilitação nos meios prisionais para diminuir casos de reincidência.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

UM "AMOR" QUE PODE MATAR

D

OCUMENTO

Este ano já morreram 32 mulheres às mãos de agressores, na maioria das vezes companheiros e maridos, num ato de brutalidade que acontece quase sempre dentro das próprias habitações, um sítio que deveria ser o mais seguro. No arranque das III Jornadas Nacionais Contra a Violência Doméstica e de Género, falámos com Teresa Morais, Secretária de Estado dos Assuntos Parlamentares e da Igualdade, que, sem sequer tentar disfarçar a tragicidade dos números, nos revela quais as medidas e ordem de trabalhos do Estado para combater esta problemática que afeta milhares no nosso País. *"Tenho muita preocupação com este drama, que é persistente na sociedade portuguesa, mas tenho também muita serenidade quando digo que esta prioridade do Governo em lutar contra todas as formas de violência tem sido assumida todos os dias. O País tem feito um enorme esforço ao longo dos anos, e falo particularmente destes últimos em que tive responsabilidade na matéria, para prevenir e proteger melhor estas vítimas",* assume. Uma das dificuldades que se sente nos processos de violência doméstica é ter de ser feita prova da



"Algumas mulheres só se conseguem libertar dos ciclos de violência ao fim de décadas" Teresa Morais

agressão, porque muitas vítimas arrependem-se de fazer queixa. *"Trata-se de um crime público, pelo que não há propriamente a possibilidade de desistir do processo, mas a vítima, por razões que são muito complexas e que de maneira nenhu-*

ma a responsabiliza – estamos a falar de pessoas que muitas vezes se sentem pressionadas, estão emocionalmente dependentes do agressor, envolvidas em relações que alternam entre ciclos de aproximação e de violência que em muitos casos ultrapassam déca-

das e são muito difíceis de quebrar – também dificulta a recolha da prova. Em muitos casos, logo após a agressão, naquele impulso, as vítimas apresentam uma queixa às forças de segurança, mas, depois, acreditam que o agressor é

capaz de mudar e voltam atrás. É um comportamento que está estudado e toda a gente sabe que não é à primeira, nem à segunda e nem à terceira tentativa que estas mulheres se conseguem libertar. Algumas só o conseguem fazer ao fim de décadas", desabafa Teresa Morais. A Secretária de Estado e a sua equipa conhecem esta realidade de perto e é no terreno que têm tido a verdadeira noção do que é necessário para diminuir e proteger as vítimas. *"Visito com muita frequência casas de abrigo. Existem 37 no País e conheço a maioria",* conta. De várias ações no terreno e visitas a estes locais resultou a conclusão óbvia que é a *"dificuldade das vítimas no proces-*



É importante que as

Quando os famosos são envolvidos nestas histórias...

JOSÉ MARIA TALLON

Catarina Tallon afirmou ter sido vítima de violência doméstica por parte do seu ex-marido ao longo de 13 anos de casamento. O caso foi arquivado e José Maria Tallon não foi condenado.

PACO BANDEIRA

Em 2012, o cantor foi condenado a três anos e quatro meses de prisão, com pena suspensa, por violência doméstica à ex-mulher Maria Roseta Ferreira. Foi, contudo, absolvido do crime de maus tratos à filha.

SOFIA RIBEIRO E RUBEN DA CRUZ

A atriz e o namorado viram, recentemente, os seus nomes envolvidos em notícias que davam conta de uma queixa às autoridades por violência doméstica. A atriz sempre negou tudo, mas a GNR quis ouvi-los na mesma.



NUNO MELO

Isabel Nogueira, ex-mulher do ator, contou, em 2006, ao jornal 24 Horas, pormenores de um momento violento que Nuno terá tido. Depois dos rumores de violência, veio a separação.



Quem é a Vítima?

(Dados do relatório anual 2013)

Perfil

■ Mulher	82,8%
■ Entre 25 e 54 anos	35,1%
■ Casada	34,8%
■ Empregada	29,1%

Idade

Casos	
0-3	1,3% 115
4-5	1,2% 105
6-10	3,4% 297
11-17	5,2% 457
18-24	5,5% 480
25-34	9,9% 864
35-44	14,2% 1241
45-54	11% 957
55-64	6,6% 575
65 e +	8,9% 774
Ns/Nr	32,8% 2868

Fonte: APAV

Número de vítimas Por semana Por dia



Perfil do autor do Crime

■ Homem	82,3%
■ Entre 25 e 54 anos	29,9%
■ Casado	38,8%
■ Empregado	31,5%

Crimes de Violência Doméstica

Casos	
Maus tratos físicos	26,9% 4684
Maus tratos psíquicos*	36,8% 6403
Ameaça/coação	17,9% 3107
Injúrias/difamação	9,6% 1670
Natureza sexual	1,3% 223
Outros crimes	2,0% 356
Total parcial	94,6% 16 443
Total	100% 17 384

*automatizado quando assinalados os maus tratos físicos

46/14/NG - Infografia Impala/Ronnie V.

vítimas não escondam as provas

so de autonomização", quando já não precisam de estar nas casas de abrigo. As dificuldades depois são o acesso a uma habitação de baixo custo e ao mercado de trabalho. "Neste momento há 87 municípios no País que fazem parte da chamada rede de Municípios Solidários com as Vítimas de Violência Doméstica. Entretanto, pensei também que o o Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU) pudesse ajudar, fizemos também um protocolo com eles e já estão a ser atribuídas casas com rendas baixas [foram 17 este ano]. No último caso que conheci, a renda não chegava aos cinco euros por mês." Para uma mulher se poder voltar a autonomizar, quando não tem condições para voltar à sua

anterior casa, esta é uma boa ajuda. Em relação ao acesso ao mercado de trabalho também houve avanços. "O que fizemos foi, com o Secretário de Estado do Emprego, uma orientação

técnica para o Instituto de Emprego e Formação Profissional, em 2012, e, desde essa altura, as vítimas são atendidas de forma reservada e prioritária. São inseridas em programas

Mulheres mais velhas são mais vulneráveis

A campanha lançada a 25 de novembro terá como particular mensagem a questão da violência sobre as mulheres mais velhas. "As mais novas têm mais energia e informação, sabem onde pedir ajuda, a que portas bater, estão mais informadas e ainda assim muitas não conseguem libertar-se destes ciclos de violência. Há estudos da União Europeia deste ano que mostram que as mulheres portuguesas são das que mais memória têm das campanhas e ações de sensibilização que se fizeram pela causa e das que mais infor-

mações têm dos apoios que existem. Mas quanto mais velhas e mais isoladas estão, mais dificuldade têm em se libertar desses ciclos de violência, que muitas encaram como uma fatalidade, até pela educação que tiveram. Pensam que já não vale a pena lutar contra a situação e porem-se a salvo. Vale sempre a pena viver livre de violência", alerta Teresa Morais, recordando de seguida a história de uma mulher que conheceu, com 70 anos, que foi vítima durante décadas até ser resgatada pelas forças de segurança.

CAROLINA SALGADO

Depois de ter feito uma queixa na polícia contra o ex-namorado Francisco Rolo, por violência doméstica, Carolina Salgado decidiu falar publicamente do assunto. "Fui agredida e traída por ele várias vezes", disse.

PAULA NEVES

"Tinha 14 anos e um namorado com quem discutia muito. Começou com um estalo aqui e outro ali. Durante seis meses, fui agredida, atacada e maltratada", contou sobre a sua experiência.

MARTA LEITE CASTRO

Agora estará tudo bem, mas no início deste verão terá chamado a PSP a sua casa por alegadamente estar a ser coagida e ameaçada pelo seu marido, o político Pedro Perestrelo Pinto.

LUÍSA BEIRÃO

A manequim apresentou queixa contra o ex-mando, Miguel Pedrosa, por violência doméstica, acusando-o de maus tratos, verbais e físicos, durante o seu casamento de onze anos. As partes chegaram a acordo.

D OCUMENTO

Relação com a vítima

Filho/filha	12%	Cônjuge	30,7%
Pai/mãe	7,9%	Ex-companheiro/a	6,8%
Avô/avó	0,6%	Ex-cônjuge	5,5%
Genro/nora	0,3%	Conhecido/a	1,6%
Neto/neta	0,3%	Namorado/a	1,5%
Padrasto/madrasta	0,3%	Ex-namorado/a	2,7%
Sogro/sogra	0,5%	Irmão/irmã	1,6%
Amigo/amiga	0,4%	Nenhuma (autor identificável pela vítima)	2,5%
Colega de escola	0,5%	Nenhuma (autor não identificável pela vítima)	1,3%
Colega de trabalho	0,3%	Outro familiar	1,3%
A vítima é prestador serviços/fornecedor	0,2%	Vizinho/a	1,6%
A vítima é trabalhadora da entidade patronal	0,5%	Outra	3,1%
Companheiro/a	12,3%	Ns/Nr	3,7%



Pena e reabilitação

"Não me chocaria nada que as molduras penais fossem mais elevadas, pelo contrário, mas também tenho dito que o principal problema não está na moldura penal em abstrato – está na forma como ela depois é concretizada numa situação", diz Teresa Morais. Na maior parte das vezes, a pena não é aplicada numa medida tão ampla como deveria, com cinco anos de prisão efetiva. "A forma como o castigo é executado, o fator do bom comportamento e outras situações levam a que os agressores sejam libertados mais depressa do que as próprias vítimas imaginavam, voltando muitas vezes a uma situação de perigo. Por isso é que temos de trabalhar também com os agressores. Há muitos casos em que a reincidência acontece", assume. Existe agora o Programa para Agressores de Violência Doméstica, o PAVD, da responsabilidade da Direção-Geral da Reinserção Social e Serviços Prisionais. Nesta altura, abrange mais de 500 agressores a serem acompanhados em meio livre e já está prevista a sua adaptação ao meio prisional. "Embora não possa negar que a minha prioridade foram, são e serão sempre as vítimas, reconheço que enquanto há agressores há possibilidade de vitimização. Os agressores têm também de ter orientação, trabalho, para tentar que pelo menos alguns mudem. Nós, mulheres, se calhar não acreditamos muito nessa mudança, mas esse esforço tem de ser feito", garante ainda a Secretária de Estado dos Assuntos Parlamentares e da Igualdade.

Há novos apoios para as vítimas

de formação profissional e pessoal e têm prioridade no acesso ao emprego", sublinha. Este ano, até 30 de setembro, foram atendidas 346 mulheres, 216 das quais foram integradas no mercado de trabalho. Estas medidas são fundamentais para resolver os "dois problemas mais difíceis de ultrapassar quando uma mulher precisa de recomeçar a vida", conclui.

Filhos são sempre, direta ou indiretamente, vítimas

O direito de visita dos pais, agressores, aos filhos está acautelado na lei, mas tem de se ter em atenção que muitas vezes não foi só a mãe a ser agredida, os filhos também o

foram. "Mesmo quando a agressão não foi direta aos filhos, há consequências nefastas da violência sofrida pela mãe que passam para as crianças, devido à opressão que observam e presenciam. Os tribunais têm meios para que isto seja acautelado. O direito de visita deve ser mantido, a meu ver, quando o pai não constitui um risco para as crianças e deve ser acautelada a circunstância em que isso acontece – a visita não pode pôr em causa a segurança da mãe", alerta. Quando há uma situação em que os filhos também foram vítimas de agressão, está na mão do tribunal tomar as medidas necessárias para afastar

o agressor, não só da mãe, como das crianças. "A lei, neste aspeto, não necessita de inovar, já tem todas as ferramentas. É preciso é serem aplicadas", ressalva a Secretária de Estado. **E**

Texto: EUNICE GASPAR (eunice.gaspar@impala.pt);
Fotos: IMPALA e THINKSTOCKPHOTO

... e no estrangeiro



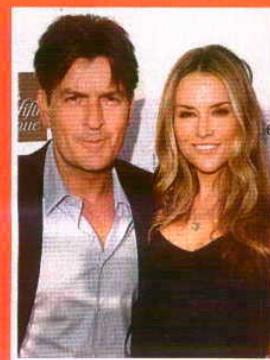
RIHANNA E CHRIS BROWN

Chris Brown está em liberdade condicional desde 2009, quando agrediu a sua namorada, Rihanna. Ele diz ter sido "o maior erro da sua vida".



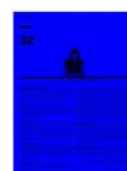
NIGELLA LAWSON

Foram publicadas fotografias em que o marido de Nigella, Charles Saatchi, lhe aperta o pescoço, num restaurante londrino.



CHARLIE SHEEN

Decorria o ano de 2009 quando a mulher de Charlie Sheen, Brooke Mueller, o acusou de a ter ameaçado com uma faca no dia de Natal. Brooke ligou para a polícia, que acabou por deter o sempre polémico ator.



CRÓNICA

32*

Ana Bacalhau Cantora anabacalhau@sonsemtransito.com

Há algo de errado aqui. Parece não haver forma de parar a mortandade. Assim como arrepiava pensar nos casos que, não tendo tido tão trágico desfecho, se vão encaminhando para lá, encobertos por uma lei tácita que dita que na vida de um casal não se deve meter a colher e que perpetua uma desvinculação da sociedade em relação a casos de violência doméstica.

A violência atinge diferentes graus e mascara-se de diversas formas. Desde a mais facilmente detectável, visível a olho nu e audível aos vizinhos mais próximos, até à mais sub-reptícia, que não deixa que o parceiro seja a pessoa que é em toda a sua plenitude e liberdade, que o humilha e rebaixa, que o puxa para baixo em vez de o ajudar a elevar-se.

Não utilizei qualquer género para descrever agressor e vítima, pois que os há de ambos os sexos. Contudo, nos últimos meses, os casos que têm vindo a público têm como vítima uma mulher e como agressor um homem. Se todos sabemos que a violência doméstica deriva essencialmente do desrespeito pelo outro e de um desequilíbrio emocional e/ou psicológico, pelo que tanto mulheres como homens poderão vir a ser agressores, a verdade é que, para além de tudo isto, há qualquer coisa que estará a desequilibrar a balança na contagem das vítimas e agressores.

Será porventura a crise económica que se tem vindo a sentir e que faz que as dificuldades sejam amplificadas ao seu expoente máximo, levando a actos dementes. Mas, para além disso, ou por baixo dessa «desculpa», deve estar outra coisa. Algo que até agora estava adormecido, latente ou em hibernação. Algo que não se via, nem se sentia, mas que se podia prever caso se pensasse no assunto com maior ponderação.

Parece-me que vivemos numa sociedade que ainda não conseguiu resolver os inúmeros fantasmas que carrega em relação ao sexo e à condição feminina. Apesar de nos considerarmos desenvolvidos, modernos, ainda podemos observar que, de uma maneira

geral, agimos de forma profundamente conservadora. Ou, pelo menos, os nossos serviços e instituições ajudam-me a pensar assim, quando relembro casos tristemente célebres como o caso da paciente grávida que foi violada por um médico, tendo o colectivo de juizes decidido suspender a pena, uma vez que, no seu entender, a violência exercida não foi suficiente para que se pudesse considerar aquele acto como violação, ou, mais recentemente, no caso da paciente que requeria indemnização depois de uma cirurgia que lhe havia retirado qualidade de vida, com dores crónicas e impossibilidade de manter uma vida sexual normal e que ouviu, na sentença que lhe foi dirigida, a atenuação do montante indemnizatório, porque, alegadamente, aos 50 anos, a vida sexual não tem a importância que tem quando se é mais novo, ligando directamente a possibilidade reprodutiva à manutenção de uma vida sexual pertinente.

Poderá parecer descabido relacionar estes casos com os casos de mulheres que morrem às mãos dos seus «companheiros». Mas, na minha perspectiva, o que os primeiros demonstram é que ainda sobrevive uma incapacidade de alguns sectores e camadas da população de lidar com a emancipação feminina e com a perseguição e prossecução de direitos básicos e inalienáveis das mesmas, como o direito à liberdade e à igualdade de oportunidades e de direitos (incluindo aqui o direito a uma vida sexual plena e à liberdade de a perseguir sem quaisquer represálias).

Urge que se debata e pense este problema de forma séria e ponderada, para que se pare de passar às sucessivas gerações esta incapacidade de aceitação e de remodelação das relações homem-mulher. E urge que, enquanto colectivo, ajamos contra comportamentos e acções que perpetuem uma triste realidade. ●

* número de mulheres assassinadas em contexto de conjugalidade ou relações familiares, no ano de 2014, segundo a APAV.

ANA BACALHAU ESCRIVE DE ACORDO COM A ANTIGA ORTOGRAFIA



Novelas SOCIEDADE 25 de novembro é o DIA MUNDIAL CONTRA A

SEGUNDO a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), a categoria dos crimes de violência doméstica representou 84,2 por cento do total de crimes relatados pelas vítimas à APAV em 2013. Só o ano passado, esta instituição atendeu 37 222 pessoas. Num total de 8733 casos acompanhados, 82 por cento destas pessoas eram do sexo feminino, e a idade das vítimas varia entre os 25 e os 54 anos.

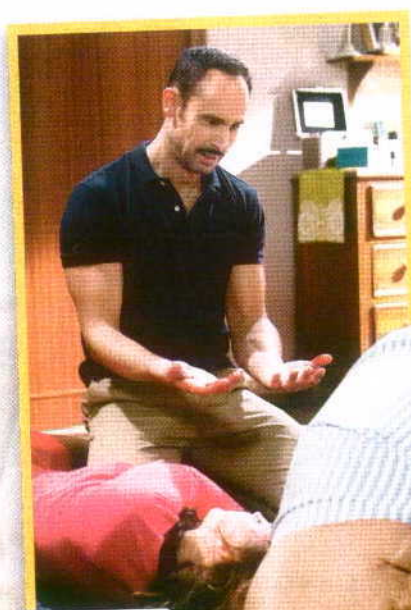
Por ser uma situação que acontece tanto na vida real, duas novelas e uma série que estão atualmente em exibição – *Mar Salgado* (SIC), *Mulheres* (TVI) e *Água de Mar* (RTP) – quiseram retratar este tema. “Está a haver um acréscimo, segundo as estatísticas. Para nós, faz sentido abordar este tema. A novela tem a função social de alertar a opinião pública para um problema que é gravíssimo. Serve para as mulheres se identifiquem e perceberem que podem fazer qualquer coisa”, explica Inês Gomes, autora de *Mar Salgado*, onde *Júlia* (Sandra Barata Belo) apanha grandes tarefas do marido, *Xavier* (Marco Costa).

Para dar vida a este agressor, o ator diz que não foi preciso estar com homens que batessem nas companheiras, mas esteve com psicólogos, que lhe falaram de casos reais e do estado psicológico dessas pessoas, sem terem sido reveladas as suas iden-

VIDA REAL

A nossa televisão aborda o tema através de *Mar Salgado*, *Mulheres* e *Água de Mar*. Os guionistas estão atentos e apostam na violência doméstica, **DE FORMA A ALERTAR PARA ESTA DURA REALIDADE QUE TEM VINDO A CRESCER EM PORTUGAL.**

Na novela da TVI, **BÁRBARA** é vítima de violência doméstica por parte do marido, **JORGE**



mulheres





VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

inspira ficção



tidades. Eduarda Laia, responsável pela novela *Mulheres*, também é da opinião de que a ficção é uma "arma" importante: "Acredito que a ficção é uma poderosa ferramenta, não só de entretenimento, mas também de comunicação. Como tal, pode funcionar como uma chamada de atenção para questões sociais que são extremamente complexas e preocupantes, como a violência doméstica. Todos os dias, em todo o Mundo, muitas vítimas de violência doméstica sofrem e morrem às mãos dos agressores. Quando falamos deste tema, estamos a falar de um problema de dimensões assustadoras, que existe em todas as classes

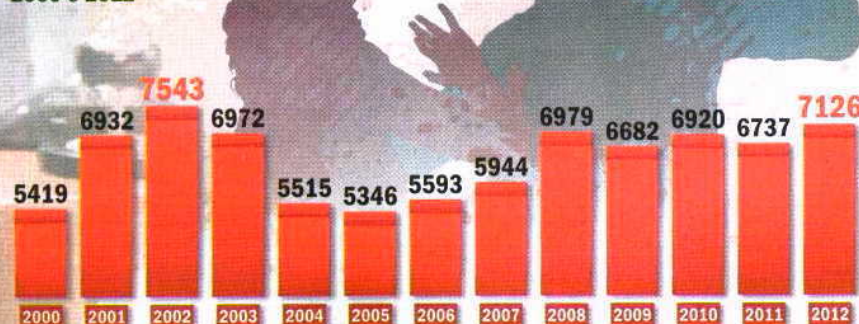
sociais e que é silencioso e muito pouco visível, por se passar, maioritariamente, entre paredes. É obrigatório recorrer a todos os meios de divulgação ao nosso alcance para dizer que a violência doméstica existe, que é crime e que nem tudo está bem quando parece bem. É preciso despertar a consciência social de cada um de nós para a violência doméstica. Todos nós, enquanto sociedade, somos responsáveis."

Nesta história, quem vive este drama é *Bárbara*, papel interpretado por Jessica Athayde, que esteve na APAV e chegou a falar com vítimas reais para melhor encarnar esta mulher submissa, que consegue

(Continua na página seguinte)

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Total do número de vítimas do Crime de Violência Doméstica que recorreu aos serviços da APAV, entre 2000 e 2012



Fonte: APAV

45/14/TV7Dias - Infografia Impala/Ronnie V.

Renascida

MADALENA SILVA foi vítima de violência doméstica durante anos a fio. Um episódio do qual se conseguiu desligar ao fim de dez anos! E hoje, reconhece a importância deste tema nas novelas: "Dói-me tanto cada vez que uma novela retrata o tema, sinto-me triste e ao mesmo tempo impotente... Triste, porque quando estava naquele imenso pesadelo, naquele sofrimento sem fim, fui egoísta e só pensei em mim...". relata esta mulher que, entretanto, escreveu um livro, *Renascida*, onde relata todo o seu sofrimento. Mas o que faz uma vítima não denunciar o seu agressor? "No início, fazia queixa dele na Polícia e em todo o lado. Claro que depois sofria consequências, mas lá dava a volta por cima... No meu próximo livro, relato precisamente este assunto, das dezenas de vítimas que ouvi, durante mais de um ano. É o medo, o medo de serem mortas, de que o marido ou ex-marido lhes possa vir a fazer mal, e a vergonha, a vergonha da sociedade, da família, dos filhos." Madalena deixa uma mensagem às vítimas: "Hoje, mais do que ninguém, sei o que sentes, sinto a tua dor como se fosse a minha, sinto o teu medo como se fosse o meu. Em momento algum deixem de lutar, de arranjar forma de sair dessa prisão tão escura e fria."





Novelas SOCIEDADE NOVELAS ajudam vítimas da vida real

(Continuação das páginas anteriores)

enxergar a triste realidade da sua vida e tenta meter um ponto final. Ela consegue enfrentar Jorge (Luís Gaspar) e sair de casa. Mas... até quando?

É unânime a opinião de que este tema é forte demais para ficar fechado numa gaveta. Por isso mesmo, também Raquel Palermo e Vera Sacramento, autoras da série *Água de Mar*, responderam às questões colocadas pela TV 7 Dias e salientaram que este é um tema socialmente importante: “Em Portugal, a violência doméstica continua a ser um problema grave. Toda a sensibilização que possa ser feita neste campo conta. Neste caso, estamos a contar a história da *Dona Bi* [Julie Sergeant], uma mulher que teve um passado de violência doméstica que conseguiu

quebrar, o que é complicado, mas vive atormentada com o possível regresso do agressor. E, um dia, ele regressa e o pesadelo recomeça.”

Curiosamente, esta não é a primeira vez que Julie Sergeant dá vida a uma mulher que sofre de agressões físicas. E se na RTP1 é agredida por Heitor (João Craveiro), já na novela *Flor do Mar*, da TVI, sofria de maus-tratos por parte do marido, que era interpretado por Nuno Melo.

Para dar voz a esta realidade, a nossa revista falou com Daniel Cotrim, da Associação de Apoio à Vítima, que nos explicou a importância de este tema ser abordado nas novelas: “Quanto mais se falar das questões relacionadas com a violência doméstica, melhor. A APAV tem tido

cada vez mais contactos da parte de produtores, guionistas e até atores. É sempre benéfico, quer seja através de notícias, de informação ou até mesmo de ficção.”

Quer os atores, quer os guionistas têm acompanhamento direto (se assim o desejarem) da parte desta instituição, que os ajuda com factos reais: “As personagens ficam mais perto da realidade. Hoje em dia, as novelas conseguem não matar o agressor no penúltimo episódio. Há pessoas que recorrem à organização, porque viram na novela a violência doméstica. É importante perceberem que existe ajuda”, explica Daniel Cotrim, que aprova o que tem passado para a ficção. “São produtos bem conseguidos e concebidos.”

Textos: Mafalda Dantas; Fotos: Divulgação e gentilmente cedidas por Madalena Silva



Na novela da SIC, o ator **MARCO COSTA** veste a pele de um marido violento



AGRESSÕES a mãe e filha

Para Daniel Cotrim, na novela *Mar Salgado*, a situação é ainda mais complicada: “Aqui, apanha a mãe e a filha. A filha aprende com a mãe que deve ser submissa ao homem e evitar a ideia de fracasso conjugal. Por outro lado, esta ideia de violência é uma ideia quase normal.”

INVESTIGAÇÃO ■ ATOS DE VIOLÊNCIA DECORREM DURANTE RELAÇÃO AMOROSA

Namoradas agredidas

Insultos e bofetadas são mais comuns, mas também há tentativas de estrangulamento

● JOANA NOGUEIRA

Cerca de quarto dos jovens portugueses admite ter agredido a namorada ou o namorado durante uma relação amorosa. A conclusão faz parte de uma investigação que contou com o depoimento de 1500 jovens, entre os 15 e os 20 anos de idade. "Quando abordados sobre os seus relacionamentos, 25% dos jovens admitem ter agredido o/a seu/sua parceiro/a e 29% relatam ter sido vítimas de comportamentos violentos", lê-se no estudo de Madalena Sofia Oliveira, doutorada em Ciências Sociais e Psicologia.

No topo dos comportamen-

tos violentos mais descritos estão os insultos e as difamações, com percentagens que variam entre os 38 e os 42%, e a bofetada, referida por 30 a 40% dos jovens. No entanto, a tentativa de estrangulamento, considerada como uma das formas mais graves de violência, é citada por 9 a 15% dos jovens inquiridos.

"Os resultados do estudo aferem uma relação direta entre os relacionamentos íntimos juvenis e o ambiente familiar. Quanto mais violência houver nos relacionamentos íntimos juvenis, mais comportamentos abusivos são sinalizados nos seus ambientes familiares", concluiu a investigadora e docente na Universidade Fernando Pessoa, no Porto. ■

Há relação direta entre violência e ambiente familiar



Vinte e nove por cento dos jovens terão sido vítimas de maus-tratos

SAIBA MAIS

● VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

No Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres, 25 de novembro, a APAV realiza as primeiras Jornadas Contra a Violência Doméstica, em Braga.

● 35

mulheres foram assassinadas este ano num contexto de violência doméstica, mais duas do que em 2013.

● PERFIL DAS VÍTIMAS

Dos 8733 casos acompanhados pela APAV em 2013, 82,8 por cento eram mulheres. As vítimas tinham entre os 25 e os 54 anos de idade.

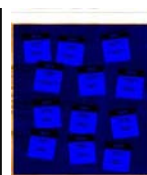


Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres

ZOOM // **AMANHÃ É O DIA PARA RECORDAR TODAS AS MULHERES QUE JÁ MORRERAM**

Este ano, 37 mulheres foram mortas pelos companheiros, ex-companheiros e outros familiares. Mas 37 não é só um número. São sobretudo nomes como Leonor, Tânia, Lina ou Maria de Fátima. Morreram em casa, deixaram filhos e são também a principal razão para as Nações Unidas classificarem os crimes contra as mulheres como uma pandemia

TEXTOS *Marta F. Reis*





Zoom // Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres

Há 73 queixas por dia de violência doméstica em Portugal

Amanhã assinala-se o Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres. Agressões por parceiros são as mais comuns

MARTA F. REIS
marta.reis@ionline.pt

Conceição foi morta pelo ex-companheiro na manhã do dia 27 de Outubro, quando saía para o trabalho. Já teria feito queixa à polícia e tinha passado os dias anteriores em casa de amigos com receio do homem de 33 anos, que terá esperado por ela à porta do prédio na Quinta de Santo António, em Leiria. Fernanda

e a filha mais velha foram mortas na noite de 20 de Outubro no apartamento da família em Soure. Só a filha mais nova, de 13 anos, sobreviveu ao duplo homicídio cometido pelo pai, alegadamente movido por ciúmes e até então visto como o chefe de família perfeito. Também terão sido os ciúmes que levaram um homem de 47 anos a assassinar uma mulher com quem teria uma relação extraconjugal no dia 11 de Setembro em Guiães, Vila



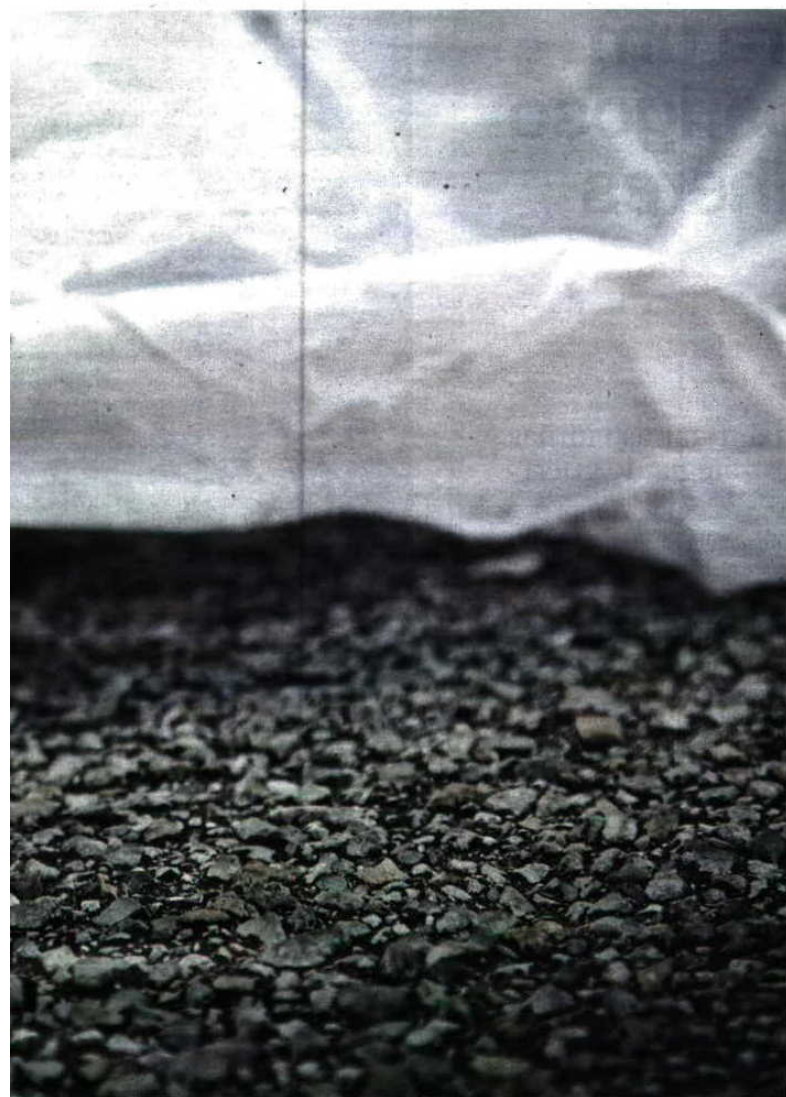
Real. Aurora teria começado uma relação há dois meses e deixou quatro filhos, dois deles menores.

Amanhã assinala-se o Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres, uma iniciativa das Nações Unidas. Os crimes de violência doméstica são os mais comuns praticados contra mulheres e motivam cada vez mais queixas, também em Portugal. Só no primeiro semestre os casos reportados às

polícias registaram um aumento de 2,3% face ao mesmo período do ano passado, num total de 13 071 participações. São 73 queixas por dia, três por hora. Só este ano a UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta já contabilizou 31 mulheres mortas por companheiros, actuais ou passados. Foram ainda registados outros seis homicídios em que os agressores eram familiares directos ou por afinidade das vítimas.

Mulheres assassinadas em contexto familiar este ano

	Nome	Manuela Santos	Ana Raquel Duarte	Emília Ferrinho	Isilda Coelho Lopes
	IDADE	46 ANOS	28 ANOS	78 ANOS	82 ANOS
	DATA DE OCORRÊNCIA	12 JANEIRO 2014	12 JANEIRO 2014	12 JANEIRO 2014	13 JANEIRO 2014
	RELAÇÃO C/HOMICIDA	EX-COMPANHEIRA	EX-COMPANHEIRA	AVÓ	MULHER
	LOCAL DA PRÁTICA DO CRIME	LOCAL DE TRABALHO	RESIDÊNCIA	RESIDÊNCIA	RESIDÊNCIA
	ÁREA GEOGRÁFICA	ALFAGADE	ALCOCHETE	CORROIOS	ALCANENA
	ARMA DO CRIME	ARMA DE FOGO	ARMA DE FOGO	ESPANCAMENTO	ARMA DE FOGO
Leonor Miranda	Conceição Rebelo	Maria de Fátima	Lina Félix	Elisa Barros	Ilda Moreira
61 ANOS	61 ANOS	37 ANOS	85 ANOS	65 ANOS	48 ANOS
8 MARÇO 2014	18 MARÇO 2014	13 ABRIL 2014	17 ABRIL 2014	17 ABRIL 2014	6 MAIO 2014
IRMÃ	MULHER	EX-COMPANHEIRA	SOGRA	TIA DA EX-MULHER	EX-COMPANHEIRA
RESIDÊNCIA	RESIDÊNCIA	RESIDÊNCIA	RESIDÊNCIA	RESIDÊNCIA	RESIDÊNCIA
MONTALEGRE	FERREIRIM	BRAGANÇA	S. JOÃO PESQUEIRA	S. JOÃO PESQUEIRA	MORTA
ARMA BRANCA	ARMA BRANCA	ARMA BRANCA	ARMA DE FOGO	ARMA DE FOGO	ARMA BRANCA
Maria Manuela Nobre	Maria do Carmo Dias	Cristina Rodrigues	Tânia Cordeiro	Não Identificada	Não Identificada
65 ANOS	44 ANOS	44 ANOS	33 ANOS	70 ANOS	42 ANOS
13 JUNHO 2014	19 JUNHO 2014	9 JULHO 2014	16 JULHO 2014	25 JULHO 2014	25 JULHO 2014
MULHER	MULHER	MULHER	COMPANHEIRA	COMPANHEIRA	COMPANHEIRA
RESIDÊNCIA	RESIDÊNCIA	VIA PÚBLICA	RESIDÊNCIA	RESIDÊNCIA	RESIDÊNCIA
SANTARÉM	SOURA	AMORA	VILA REAL	COSTA DA CAPARICA	SANTO ANTÓNIO - FUNCHAL
ESTRANGULAMENTO	ARMA BRANCA	ARMA DE FOGO	MACHADADA	ARMA BRANCA	ARMA BRANCA



Para assinalar a data, a UMAP coligiu informação sobre todas as vítimas registadas até 30 de Outubro, num ano que deverá ser um dos mais negros desde que existem estas estatísticas. A informação foi remetida a algumas autarquias, que estão a preparar iniciativas para assinalar a data, explicou ao *i* Elisabete Brasil, responsável pelo Observatório de Mulheres Assassinadas da UMAP. No dia 10 de Dezembro, data em que

encerra oficialmente a campanha das Nações Unidas contra a violência de género – que este ano apela a todas as comunidades a vestirem-se de laranja e mobilizarem-se pelo fim das agressões – a UMAP irá apresentar o seu relatório anual que, pela primeira vez, fará um balanço sobre os órfãos da violência doméstica em Portugal.

Segundo os dados fornecidos ao *i* pela UMAP, este ano a maioria das mulheres

Inquérito inédito a nível europeu concluiu em Março que duas em cada dez portuguesas já sofreram agressões de parceiros

STEVE DEBENPORT/GETTY IMAGES

vítimas de violência doméstica foram mortas em casa com armas de fogo. Tinham idades entre os 19 e os 82 anos.

INICIATIVAS DE NORTE A SUL Várias iniciativas em todo o continente e ilhas vão assinalar o Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres, instituído pelas Nações Unidas em 1999 e que nasce de uma homenagem a três irmãs activistas políticas mortas na República Dominicana em 1960, já que além da violência doméstica, está em causa a denúncia de todo o tipo de violência contra as mulheres à escala mundial.

Em Braga, na Escola de Direito da Universidade do Minho, terão lugar as Primeiras Jornadas Contra a Violência Doméstica, organizadas pela instituição e pela Associação Portuguesa de Apoio às Vítimas. Já em Vila Real, onde este ano já houve registo de dois homicídios, terá lugar uma conferência com o tema "Mulheres Vítimas de Violência – Retratos de Vida", no teatro da cidade.

A APAV, que lembra que mais de 81% das pessoas atendidas nos seus 15 gabinetes de apoio à vítima são mulheres, fará uma acção de sensibilização na rua Augusta, em Lisboa.

Também na capital, pelas 18h, uma acção promovida pela Associação para o Planeamento da Família (APF) assinalará a data com uma performance na estação de comboios do Cais do Sodré, seguida de uma marcha organizada pela APAV, Associação Portuguesa de Mulheres Juristas, UMAP-União de Mulheres, Alternativa e Resposta, Amnistia Internacional Portugal, Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres, Associação Democrática de Defesa dos Interesses e Igualdade das Mulheres, Rede Portuguesa de Jovens para a Igualdade de Oportunidades entre Mulheres e Homens e Grupo de Activismo e Transformação pela Arte – GATA.

Em Cascais, o projecto 3D's – Direitos e Deveres pela Dignidade, que dinami-

za um grupo de sobreviventes para prestar apoio a vítimas e acompanhou 85 pessoas este ano, apresenta a partir das 9h30 um guia sobre o processo judicial no crime de violência doméstica.

Em Coimbra, distrito onde este ano foram registadas três vítimas de homicídio, em Soure, está marcada uma concentração pelo fim da violência contra as mulheres na Praça 8 de Maio, pelas 10 horas. No Alentejo, o teatro municipal de Vila Nova de Santo André e o Núcleo de Atendimento às Vítimas de Violência Doméstica do distrito de Portalegre têm também marcados encontros dedicados à sensibilização para a violência.

UMA EM TRÊS MULHERES As Nações Unidas classificam de pandemia a repetição de crimes contra as mulheres e a Organização Mundial de Saúde também apelou nos últimos dias a mais esforços para prevenir este tipo de violência. As estimativas mundiais sugerem que uma em cada três mulheres já viveu algum tipo de violência física ou sexual por parte dos seus parceiros.

Segundo o maior inquérito europeu realizado até à data sobre violência contra mulheres, divulgado em Março, Portugal é o país onde é mais generalizada a percepção de que a violência contra mulheres é comum, embora a taxa de incidência apurada na população portuguesa para violência perpetrada por parceiros, actuais ou passados, não tenha sido mais elevada no espaço europeu. Ainda assim, segundo o estudo quase duas em cada dez mulheres portuguesas (19%) sofreram algum tipo de violência por parte de companheiros.

O questionário, que inquiriu 42 mil mulheres permitiu estimar que nos 12 meses anteriores 13 milhões de mulheres na Europa foram agredidas fisicamente e 3,7 milhões sexualmente. Uma em cada 20 mulheres disse ter sido obrigada pelo menos uma vez desde os 15 anos de idade a ter relações sexuais à força.

Margarida Costa Martins

37 ANOS
1 FEVEREIRO 2014
EX-COMPANHEIRA
VIA PÚBLICA
ALBERGARIA-A-VELHA
ARMA DE FOGO

Mihaela Rusu

25 ANOS
12 FEVEREIRO 2014
COMPANHEIRA
RESIDÊNCIA
CRUZ DE PAU
ARMA DE FOGO

Cidália Gonçalves

53 ANOS
22 FEVEREIRO 2014
EX-MULHER
VIA PÚBLICA
FERREIRA DO ALENTEJO
ARMA DE FOGO

Maria dos Anjos Coelho

70 ANOS
23 FEVEREIRO 2014
MÃE
RESIDÊNCIA
ST ANTÓNIO DOS CAVALEIROS
ESPANCAMENTO

Carla Santos

40 ANOS
3 MARÇO 2014
EX-COMPANHEIRA
RESIDÊNCIA
MONTE ABRÃO
ARMA BRANCA

Helena Conceição

19 ANOS
5 MARÇO 2014
EX-NAMORADA
RESIDÊNCIA
ELVAS
ARMA BRANCA

Não identificada

69 ANOS
15 MAIO 2014
COMPANHEIRA
VIA PÚBLICA
LAGES DO PICO
ESTRANGULAMENTO

Luana Camargo

28 ANOS
28 MAIO 2014
MULHER
LOCAL DE TRABALHO
LISBOA
ESFAQUEAMENTO

Carina de Deus

27 ANOS
25 MAIO 2014
NAMORADA
RESIDÊNCIA
ÉVORA
ESPANCAMENTO

Gracinda Monteiro

61 ANOS
18 MAIO 2014
COMPANHEIRA
EX-COMPANHEIRA
RESIDÊNCIA
GONDOMAR
ESPANCAMENTO

Maria Luísa Jesus Gomes

53 ANOS
1 JUNHO 2014
EX-COMPANHEIRA
RESIDÊNCIA
VALE DE SANTARÉM
ASFIXIA

Alice Brito

55 ANOS
3 JUNHO 2014
EX-MULHER
RESIDÊNCIA
TORRE DE MONCORVO
ARMA DE FOGO

Adélia Ribeiro

50 ANOS
18 AGOSTO 2014
EX-MULHER
VIA PÚBLICA
BRAGA
ARMA DE FOGO

Fernanda Torres

66 ANOS
30 AGOSTO 2014
MULHER
RESIDÊNCIA
LORDELO
ARMA BRANCA

Aurora Rocha

45 ANOS
10 SETEMBRO 2014
COMPANHEIRA
RESIDÊNCIA
GUIÃES - VILA REAL
ARMA BRANCA

Fernanda Ferreira

47 ANOS
20 OUTUBRO 2014
MULHER
RESIDÊNCIA
SOURE
ARMA BRANCA

Inês

16 ANOS
20 OUTUBRO 2014
FILHA
RESIDÊNCIA
SOURE
ARMA BRANCA



24-11-2014

Tiragem: 16000

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 1

Cores: Cor

Área: 4,42 x 5,82 cm²

Corte: 5 de 5



Amanhã é o dia
para recordar as
37 mulheres que
morreram por
violência
doméstica
em 2014. O *i*
lembra-as hoje

// PÁGS. 18-21



Perseguição constante dos homens origina muitas denúncias na PSP do Porto
Muitos casais fazem da violência o último reduto da comunicação, ironiza perito

TAMBÉM ELES PEDEM AJUDA POR VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Dina Margato
 dina.margato@jn.pt

Os homens estão a perder a vergonha e recorrem cada vez mais aos gabinetes de apoio da PSP por causa da violência na conjugalidade. Este ano, até 31 de outubro, foram atendidos 185 homens no concelho do Porto.

As denúncias masculinas equivalem a 13,8% do total e configuram um aumento. Registaram-se 183 casos durante 2013. O atendimento de mulheres, substancialmente superior, cresceu de 931 (2013) para 1147, em nove meses deste ano, revela o comissário Marco Almeida, do Gabinete de Apoio e Informação à Vítima (GAIV), da esquadra do Bom Pastor.

Desde 13 março de 2013, o GAIV deu apoio a 2263 vítimas. Este serviço facilita a comunicação com o Ministério Público de forma a garantir, se necessário, atuação rápida da PSP e a proteção da vítima, através da instalação do sistema de alarme, por exemplo.

Quando são eles as vítimas, a violência doméstica (VD) apresenta contornos diferenciadores. Na maioria dos casos, o denominador comum junta pressão psicológica continuada (humilhação, sarcasmo) com perseguição.

O incentivo à queixa, outra das especificidades, parte da rede de amigos. "São eles que lhes dizem para participar, não é a família. São fundamentais, ajudam a perceber que não podem ignorar os si-

nais". Hoje em dia "há mais homens a vencer a resistência social e a pedir ajuda". Elsa Beja, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), confirma a tese. "Estão informados, percebem os seus direitos e foram perdendo a vergonha". Trata-se "sobretudo de violência psicológica e não tanto física".

Muitos dos relatos que chegam à esquadra do Porto dão conta de mulheres obcecadas pela perseguição dos companheiros ou ex-parceiros. "Num dos casos a mulher andava atrás do homem de carro por todo o país. Mal se sentava numa pastelaria, lá estava ela", conta Marco Almeida. Para tentar travá-la, foram alertados agentes de vários pontos do país. São vulgares os episódios de homens seguidos do emprego até casa dias a fio. Há quem tenha todos os passos vigiados no exterior e viva refém de uma observação intensa.

Apesar da agressão física ser menos relatada, não é inexistente, refere o agente da PSP. "Eles falam em empurrões, bofetadas; não chega nor-

malmente aos níveis dramáticos do risco de vida".

Henrique Barros, epidemiologista da Universidade do Porto, coordenador de um estudo europeu dedicado ao tema, considera "a violência doméstica sobre os homens uma realidade. Mas a violência tende a ser simétrica - são tão vítimas eles como elas. Não é um problema de género. Agora, eles fazem muito menos denúncias". Um livro recente revela VD contra homens também em Moçambique, diz, para provar a globalidade do fenómeno.

Situações extremas

Separa, porém, as situações extremas, essas, sim, mais frequentes contra as mulheres. Em 2013, morreram 30 mulheres e 10 homens em contexto de VD. Ficando a

BOA SITUAÇÃO FINANCEIRA

► No GAIV do Porto, o perfil do denunciante masculino revela um homem na casa dos 50 anos, com uma desafogada situação económica. "Tem uma boa situação financeira". Já as vítimas mulheres são mais novas, com idades entre os 36 e os 49 anos. Marco Almeida tentou descobrir uma eventual relação entre as queixas, mas em vão. Não existia. As vítimas masculinas não apresentam denúncias por vingança. São episódios em separado.

Os homens descrevem as agressoras como sendo pessoas que revelam necessidade de controlo absoluto da vida do outro. Em muitos relatos surgem mulheres muito dependentes emocionalmente, incapazes de ter um vida autónoma. Além dos casais separados, há denunciantes oriundos das relações ou ex-relações mais variadas, incluindo namoros. O divorciado que arranja namorada nova pode ser um alvo.

perceção, segundo as notícias, de que os homicídios dos parceiros sucedem à legítima defesa ou para responder a uma escalada de abusos.

No entender do especialista, na base de relações violentas estão, por vezes, desequilibradas noções de poder. A compreensão da VD pressupõe múltiplas variáveis e a sua conjugação complexa: desde a educação para mandar, ao ciúme exacerbado, à aprendizagem da violência. "Nem sempre os que foram vítimas de abusos os replicam, embora seja mais provável que o façam".

Nas situações limite, a violência transforma-se "numa forma de comunicação para o casal, a comunicação possível". Mais: "Quando a tática para comunicar é a violência, ou serve para alguém se fazer ouvir, temos a falha. Na base, está a falta de comunicação".

OUTROS DADOS

15,4%

de homens

O último relatório do Ministério da Administração Interna sobre violência doméstica, de 2013, aponta 15,4% de vítimas homens.

16,5%

segundo a APAV

A nível nacional, a APAV indica a existência de 16,5% de vítimas masculinas.

Casos de violência física de mulheres sobre homens não são tão normais nem tão violentos



DENÚNCIAS AUMENTAM P.8

Mulheres são cada vez mais violentas com homens

Agentes alertados para caso
de agressora que perseguiu
o marido por todo o país



Criminologia em foco em Bencanta

●●● O auditório Bis-saya Barreto, em Bencanta, é palco das II Jornadas de Criminologia, dedicadas ao “Direito aos Direitos Humanos”, nos dias 10 e 11 de dezembro. Para esta edição, o tema em debate é “Saúde, crise e violência”.

A APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima é uma das entidades presentes, com uma comunicação no painel/ mesa 5: “Violência(s) e violações aos Direitos Humanos”.

A iniciativa é uma co-organização da CINETS (Crim-

migration Control - International Net of Studies), do programa de doutoramento em Direito, Justiça e Cidadania no Século XXI da Universidade de Coimbra e da Agência para a Prevenção do Trauma e da Violação dos Direitos Humanos.



“Basta que me batas uma vez”, mas ainda há quem aguente 50 anos

Dia internacional. Associação de apoio à vítima lança ação de sensibilização pela eliminação da violência contra as mulheres. Em média, elas ainda ficam seis anos em relações violentas

ANA BELA FERREIRA

Foram precisos mais de 50 anos numa relação de violência física e psicológica para uma mulher dizer basta. Aos 84 anos, “pediu ajuda a um polícia e foi para uma casa-abrigo”, conta Daniel Cotrim, da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima). Este é um caso extremo, mas que espelha a dificuldade que as mulheres têm muitas vezes em sair de uma relação de violência. Apesar de a média ter descido, elas ainda resistem seis a oito anos numa relação em que são vítimas dos seus companheiros (até 2012, a média era de 15 anos).

No Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres, que se assinala hoje, a APAV lembra que “a violência doméstica não acontece só quando há uma repetição dos atos”. Por isso, lançou a ação de sensibilização “Basta que me batas uma vez”, que passa pela partilha de *selfies* (fotografias tiradas a si mesmo) no Instagram com o mote na legenda e a *hashtag* #25novembro. “É preciso lembrar que a violência atinge mulheres de todas as idades e de todos os estratos sociais. E neste caso com a ação

nas redes sociais pretendemos chegar a um público jovem e lembrá-lo que basta que me batas, me humilhes ou ameaces uma vez. A violência não é uma questão de repetição”, explica o técnico da direção da APAV Daniel Cotrim.

Num ano em já morreram 31 mulheres às mãos dos companheiros, atuais ou anteriores, a associação aconselha as mulheres a por um ponto final nas relações logo ao primeiro sinal de violência. Até há dois anos, “o tempo em que elas permaneciam na relação era de 15 anos, mas de há dois anos para cá desceu para os seis/oito anos”, aponta Daniel Cotrim. Um sinal positivo, que ainda assim é insuficiente.

“A perspetiva da APAV é de que o crime de violência doméstica está muito bem tipificado na lei, mas é mais restrita nos atos que engloba e deixa de fora, por exemplo, a violência económica ou a subtração de menores.” Daniel Cotrim acrescenta ainda que “vem daí a ideia do basta”. “Aconselhamos as mulheres a apresentarem queixa por calúnia, subtração de menores. Que digam basta que fales de mim à vizinha uma vez, basta que me tires os meus filhos uma vez, basta que

maltrates o animal de estimação uma vez. Parecem que são coisas insignificantes, mas são sinais de que algo não vai correr bem.”

Para uma mulher de 84 anos, o seu basta chegou “após mais 50 anos de uma relação abusiva”. O namoro já não correu bem e o casamento não melhorou as coisas.

Nos primeiros seis meses do ano, as polícias receberam 13 071 queixas

A paz também não chegou com a idade, “às vezes pensa-se que a idade acalma, mas não é assim”, alerta o técnico da APAV. Neste caso, os filhos, que também tinham sofrido de violência na infância, estavam fora do país, o que deixou esta mulher “isolada”, vivendo “praticamente sequestrada dentro da sua própria casa”. Este ano decidiu pôr um ponto final em tudo. Pediu ajuda a um polícia e foi encaminhada para uma casa-abrigo, da qual até já saiu. “Entretanto, apresentou queixa e conseguiu que o marido

fosse afastado”, indica Daniel Cotrim. Voltou a casa com uma medida de proteção e está a ser acompanhada pela Cruz Vermelha e pela APAV. “Este caso mostra que é sempre possível ter uma nova oportunidade de vida”, sublinha o responsável da associação.

Apesar da demora na denúncia, as coisas correram bem, mas noutros casos as medidas de proteção não foram suficientes para travar a violência, conforme refere Daniel Cotrim, falando dos casos de mulheres assassinadas que tinham apresentado queixa contra os companheiros. “É preciso refletir sobre isso também”, porque “o silêncio ajuda a perpetuar ciclos de violência”. Além disso, “a sociedade também tem de dizer basta aos casos que tivemos este ano de assassinos que andaram fugidos e depois de apanhados pelas autoridades eram aplaudidos pela população. Isso não pode acontecer”, critica.

Os números das autoridades policiais mostram que só no primeiro semestre do ano houve 13 071 queixas de violência doméstica. O que significa que em cada hora há três mulheres que denunciam situações em que são vítimas dos seus parceiros.



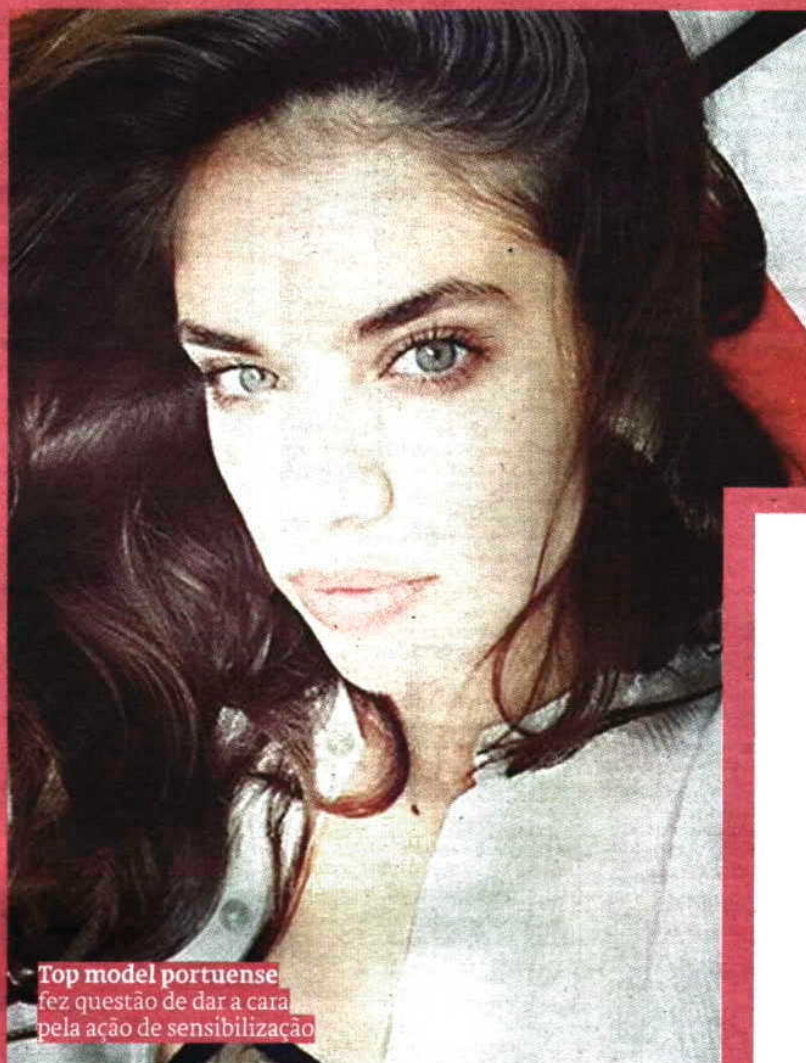
Violência contra mulheres em análise na FEUC

SEMINÁRIO A Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres (APEM) e o Centro de Estudos Sociais (CES) promovem hoje o seminário “Violências contra as mulheres: diálogos entre múltiplas opressões”, na Sala Keynes da Faculdade de Economia.

O colóquio, que ocorre por ocasião do Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres, reúne organizações não governamentais, académicos nacionais e estrangeiros, com os objectivos de discutir o modo como as violências têm acompanhado as mudanças sociais, avaliar o impacto das políticas de combate a estas violências e colocar em diálogo as diferentes manifestações de violência.

Nuno Gradim, da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, José Manuel Pureza, do CES, e Virgínia Ferreira, da

APEM, participam na sessão de abertura, às 10h00. Segue-se a conferência “Quando os homens matam as mulheres” de Rebecca Dobash e Russell Dobash, da Universidade de Manchester, e uma mesa sobre a violência contra as mulheres no contexto ibérico, com Maria de Jesus Izquierdo, da Universidade Autónoma de Barcelona, e Madalena Duarte, da APEM/CES. À tarde, a partir das 15h00, sob o tema “Múltiplas violências: entre diagnósticos e actuações”, intervêm Sónia Soares, da União de Mulheres Alternativa e Resposta, Aurora Rodrigues, da Associação Portuguesa de Mulheres Juristas, Rita Mira, da Associação de Mulheres contra a Violência, Paula Garcia, do Ministério Público, Joana Salinas, da Cruz Vermelha Portuguesa, e um membro da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). ◀



Top model portuense
fez questão de dar a cara
pela ação de sensibilização

SARA SAMPAIO CONTRA A VIOLÊNCIA

Manequim associou-se nas redes sociais ao Dia Internacional pela Eliminação da Violência das Mulheres, assinalado ontem

MESMO A VIVER NOS ESTADOS UNIDOS, Sara Sampaio não deixa de estar atenta ao que se passa no país onde nasceu. A manequim nascida no Porto, há 23 anos, juntou-se a várias outras figuras públicas nacionais, que fizeram questão de se associar, nas redes sociais, ao Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres, que foi assinalado ontem.

A top model portuense partilhou

na sua página oficial no Facebook uma fotografia onde surge de olhar sério e sem maquilhagem. E legendou-a assim: "Basta que me batas uma vez. Contra a violência doméstica @apav_apoio_a_vitima #apav #25novembro".

"Basta que me batas uma vez" é, precisamente, o nome da campanha lançada, esta terça-feira, pela Associação de Apoio à Vitima (APAV), que promoveu a ação de sensibilização através do Instagram.

Iva Domingues, Sofia Cerveira, Rita Ferro Rodrigues, Cláudia Lopes, Jessica Athayde ou Olivia Ortiz são algumas das caras bem conhecidas que também aderiram ao desafio e se associaram à iniciativa nas redes sociais. **N.P.M.**



BASTA QUE ME BATAS UMA VEZ

Campanha



■ Rita Ferro Rodrigues, Jessica Athayde, Sofia Cerveira, Iva Domingues e Cláudia Borges foram algumas das figuras públicas que se associaram à causa, assinalada ontem com fotos nas redes sociais

“Não temos medo de dar a cara”

■ Famosas tiram selfie para assinalar Dia pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres

● VÂNIA NUNES

Iva Domingues lançou um apelo, através de um vídeo divulgado nas redes sociais, para que ontem todas as mulheres tirassem uma selfie, divulgassem na rede social Instagram e identificassem a página da APAV, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. O objetivo foi assinalar o Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres.

“Queremos que todos saibam que nós, mulheres, não temos medo de dar a cara pela eliminação da violência”, disse a apresentadora da TVI, protagonista da campanha ‘Basta que me Batas uma Vez’.

O desafio foi aceite por inúmeras figuras públicas que ao longo do dia foram divulgando imagens do rosto. Jessica Athayde foi uma delas. A atriz tem estado mais próxima desta realidade, uma vez que inter-

preta Bárbara na novela ‘Mulheres’, da TVI, uma jovem alvo de violência doméstica. No seu blogue já tinha mostrado que apoia a causa. “A ‘Bárbara’ é uma personagem de ficção, mas estas mulheres existem: são nossas amigas, colegas de trabalho, familiares”, escreveu a atriz Jessica Athayde.

Também o ator Pedro Teixeira respondeu ao apelo lançado por Iva Domingues. ■

Apoio
Mulheres
juntam-se
contra
a violência
doméstica



Sara Sampaio mostrou-se solidária

FOTOS: DIREITOS RESERVADOS



O Jogo da Vida

Marisa Cruz contra a violência doméstica



"Basta que me batas uma vez" é o nome da campanha lançada ontem pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) nas redes sociais, no Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres. Marisa Cruz associou-se a esta iniciativa e juntamente com várias celebridades partilharam uma selfie com a frase que dá o mote à campanha contra a violência doméstica. Além da namorada do jogador de hóquei em patins Pedro Moreira, Sara Kostov, Rita Ferro Rodrigues, Sara Sampaio e Iva Domingues mostraram-se solidárias com esta iniciativa da APAV.





ID: 56804004

26-11-2014

“Há mais denúncias de violência doméstica de familiares e amigos de vítimas”, anuncia APAV



A coordenadora nos Açores da Associação de Apoio à Vítima (APAV) disse que desde que a violência doméstica é considerada crime público, há cada vez mais denúncias na região que partem “da rede de proximidade da vítima”.

“Até há cerca de três anos, 80 a 90 por cento das situações chegavam até nós porque a

própria vítima fazia referência à sua situação. Neste momento, em cerca de 47% dos casos são as próprias vítimas a procurarem-nos, mas temos um dado surpreendente, que é cerca de 35% das situações já nos chegam através da família, dos conhecidos, dos vizinhos, dos amigos, da rede de proximidade da vítima”, sublinhou Helena Cos-

ta, referindo-se a dados estatísticos de 2013 relativos aos Açores.

Para a coordenadora regional da APAV, “há uma mudança de mentalidade” nos Açores, sendo que as pessoas denunciam cada vez mais casos de violência doméstica apesar de viverem em meios pequenos.

“A sociedade civil está bas-

tante mais alerta para esta situação, denuncia e, quando não o faz, incentiva a vítima a fazê-lo. Acontece muitas vezes as pessoas virem à APAV acompanhadas de pessoas que as motivaram a procurar um apoio para alterar a situação em que vivem”, disse.

Mas o aumento do número de denúncias que partem de outros que não a própria vítima significa também, na óptica de Helena Costa, “uma confiança” nos serviços da APAV nos Açores por parte de quem procurou a associação no passado “e que agora, no presente, encaminham pessoas que conhecem”.

No Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres, que se assinalou ontem, a coordenadora regional da APAV lembra que continuam a ser as mulheres as “maiores vítimas de violência doméstica”, apesar de se notar uma diminuição.

“Antigamente, 95% dos casos da APAV eram de violência doméstica e a vítima era mulher. Baixámos um bocadinho, agora 75% dos casos são de violência doméstica e em 80% a vítima é de sexo feminino”, revelou.

Helena Costa reconhece que a APAV continua a estar

“muito conotada com a violência conjugal” e que por isso tem apostado na sensibilização de outras vítimas, como “crianças, vítimas de ‘bullying’, idosos ou vítimas de furtos”.

Este ano já foram ultrapassados os 750 processos registados pela APAV nos Açores a 31 de dezembro de 2013.

No ano passado, 75% desses processos foram referentes a violência doméstica, sendo que “a esmagadora maioria” é de violência conjugal, embora se verifiquem casos de “violência de filhos para com os pais e de pais para com os filhos”.

A responsável pela APAV nos Açores reconhece que de ano para ano sobe o número de processos.

Quando a associação iniciou a sua actividade no arquipélago, em 2004, tratou apenas 42 processos de apoio à vítima.

“Eu penso que isso não significa o aumento de casos. O que existe mais por parte das vítimas é uma maior consciencialização dos seus direitos, sabem que são vítimas e quando elas não sabem há alguém por perto que sabe e sabem o que elas podem e devem fazer”, sublinhou.



“Há mais denúncias de violência doméstica de familiares e amigos”

A coordenadora nos Açores da Associação de Apoio à Vítima (APAV) disse que desde que a violência doméstica é considerada crime público, há cada vez mais denúncias na região que partem “da rede de proximidade da vítima”.

“Até há cerca de três anos, 80 a 90 por cento das situações chegavam até nós porque a

própria vítima fazia referência à sua situação. Neste momento, em cerca de 47% dos casos são as próprias vítimas a procurarem-nos, mas temos um dado surpreendente, que é cerca de 35% das situações já nos chegam através da família, dos conhecidos, dos vizinhos, dos amigos, da rede de proximidade da vítima”,

sublinhou Helena Costa, referindo-se a dados estatísticos de 2013 relativos aos Açores.

Para a coordenadora regional da APAV, “há uma mudança de mentalidade” nos Açores, sendo que as pessoas denunciam cada vez mais casos de violência doméstica apesar de viverem em meios pequenos...**P.4**



Helena Costa, coordenadora regional da APAV, diz que há cada vez mais denúncias de familiares e amigos das vítimas

Há mais denúncias de violência doméstica

Cerca de 35% das situações chegam à Associação de Apoio à Vítima através da rede de proximidade da vítima

LUSA
Açoriano Oriental

A coordenadora nos Açores da Associação de Apoio à Vítima (APAV) disse que desde que a violência doméstica é considerada crime público, há cada vez mais denúncias na região que partem "da rede de proximidade da vítima".

"Até há cerca de três anos, 80 a 90 por cento das situações chegavam até nós porque a própria vítima fazia referência à sua situação. Neste momento, em cerca de 47% dos casos são as próprias vítimas a procurarem-nos, mas temos um dado surpreendente, que é cerca de 35% das situações já nos chegam através da família, dos conhecidos, dos vizinhos, dos amigos, da rede de proximidade da vítima", sublinhou Helena Costa, referindo-se a dados estatísticos de 2013 relativos aos Açores.

Para a coordenadora regional da

APAV, "há uma mudança de mentalidade" nos Açores, sendo que as pessoas denunciam cada vez mais casos de violência doméstica apesar de viverem em meios pequenos. "A sociedade civil está bastante mais alerta para esta situação, denuncia e, quando não o faz, incentiva a vítima a fazê-lo. Acontece muitas vezes as pessoas virem à APAV acompanhadas de pessoas que as motivaram a procurar um apoio para alterar a situação em que vivem", disse.

Mas o aumento do número de denúncias que partem de outros que não a própria vítima significa também, na ótica de Helena Costa, "uma confiança" nos serviços da APAV nos Açores por parte de quem procurou a associação no passado "e que agora, no presente, encaminham pessoas que conhecem".

No Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres, que se assinalou ontem, a coordenadora regional da APAV lembrou que continuam a ser as mulheres as "maiores vítimas de violência doméstica", apesar de se notar uma diminuição.

"Antigamente, 95% dos casos da APAV eram de violência doméstica e a vítima era mulher. Baixámos um bocadinho, agora 75% dos casos

são de violência doméstica e em 80% a vítima é de sexo feminino", revelou.

Helena Costa reconhece que a APAV continua a estar "muito conotada com a violência conjugal" e que por isso tem apostado na sensibilização de outras vítimas, como "crianças, vítimas de 'bullying', idosos ou vítimas de furtos". Este ano já foram ultrapassados os 750 processos registados pela APAV nos Açores a 31 de dezembro de 2013.

No ano passado, 75% desses processos foram referentes a violência doméstica, sendo que "a esmagadora maioria" é de violência conjugal, embora se verifiquem casos de "violência de filhos para com os pais e de pais para com os filhos". A responsável pela APAV nos Açores reconhece que de ano para ano sobe o número de processos. Quando a associação iniciou a sua atividade no arquipélago, em 2004, tratou apenas 42 processos de apoio à vítima.

"Eu penso que isso não significa o aumento de casos. O que existe mais por parte das vítimas é uma maior consciencialização dos seus direitos, sabem que são vítimas e quando elas não sabem há alguém por perto que sabe e sabem o que elas podem e devem fazer", sublinhou. ♦



ID: 56806737

26-11-2014

Mais denúncias de violência doméstica de familiares e amigos de vítimas nos Açores

A coordenadora nos Açores da Associação de Apoio à Vítima (APAV) disse que desde que a violência doméstica é considerada crime público, há cada vez mais denúncias na região que partem “da rede de proximidade da vítima”. “Até há cerca de três anos, 80 a 90 por cento das situações chegavam até nós porque a própria vítima fazia referência à sua situação. Neste momento, em cerca de 47% dos casos são as próprias vítimas a procurarem-nos, mas temos um dado surpreendente, que é cerca de 35% das situações já nos chegam através da família, dos conhecidos, dos vizinhos, dos amigos, da rede de proximidade da vítima”, sublinhou Helena Costa, em declarações à Lusa, referindo-se a dados estatísticos de 2013 relativos aos Açores.

Para a coordenadora regional da APAV, “há uma mudança de mentalidade” nos Açores, sendo que as pessoas denunciam cada vez mais casos de violência doméstica apesar de viverem em meios pequenos.

“A sociedade civil está bastante mais alerta para esta situação, denuncia e, quando não o faz, incentiva a vítima a fazê-lo. Acontece muitas vezes as pessoas vi-

rem à APAV acompanhadas de pessoas que as motivaram a procurar um apoio para alterar a situação em que vivem”, disse. Mas o aumento do número de denúncias que partem de outros que não a própria vítima significa também, na óptica de Helena Costa, “uma confiança” nos serviços da APAV nos Açores por parte de quem procurou a associação no passado “e que agora, no presente, encaminham pessoas que conhecem”.

No Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres, que se assinala hoje, a coordenadora regional da APAV lembra que continuam a ser as mulheres as “maiores vítimas de violência doméstica”, apesar de se notar uma diminuição. “Antigamente, 95% dos casos da APAV eram de violência doméstica e a vítima era mulher. Baixámos um bocadinho, agora 75% dos casos são de violência doméstica e em 80% a vítima é de sexo feminino”, revelou. Helena Costa reconhece que a APAV continua a estar “muito conotada com a violência conjugal” e que por isso tem apostado na sensibilização de outras vítimas, como “crianças, vítimas de ‘bullying’, idosos ou vítimas de furtos”.



“Basta que me batam uma vez”, mas ainda há quem aguente 50 anos

Dia internacional. Associação de apoio à vítima lança ação de sensibilização pela eliminação da violência contra as mulheres. Em média, elas ainda ficam seis anos em relações violentas

ANA BELA FERREIRA

Foram precisos mais de 50 anos numa relação de violência física e psicológica para uma mulher dizer basta. Aos 84 anos, “pediu ajuda a um polícia e foi para uma casa-abrigo”, conta Daniel Cotrim, da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima). Este é um caso extremo, mas que espelha a dificuldade que as mulheres têm muitas vezes em sair de uma relação de violência. Apesar de a média ter descido, elas ainda resistem seis a oito anos numa relação em que são vítimas dos seus companheiros (até 2012, a média era de 15 anos).

No Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres, que se assinala hoje, a APAV lembra que “a violência doméstica não acontece só quando há uma repetição dos atos”. Por isso, lançou a ação de sensibilização “Basta que me batam uma vez”, que passa pela partilha de *selfies* (fotografias tiradas a si mesmo) no Instagram com o mote na legenda e a *hashtag* #25novembro. “É preciso lembrar que a violência atinge mulheres de todas as idades e de todos os estratos sociais. E neste caso com a ação

nas redes sociais pretendemos chegar a um público jovem e lembrá-lo que basta que me batam, me humilhem ou ameaces uma vez. A violência não é uma questão de repetição”, explica o técnico da direção da APAV Daniel Cotrim.

Num ano em já morreram 31 mulheres às mãos dos companheiros, atuais ou anteriores, a associação aconselha as mulheres a por um ponto final nas relações logo ao primeiro sinal de violência. Até há dois anos, “o tempo em que elas permaneciam na relação era de 15 anos, mas de há dois anos para cá desceu para os seis/oito anos”, aponta Daniel Cotrim. Um sinal positivo, que ainda assim é insuficiente.

“A perspetiva da APAV é de que o crime de violência doméstica está muito bem tipificado na lei, mas é mais restrita nos atos que engloba e deixa de fora, por exemplo, a violência económica ou a subtração de menores.” Daniel Cotrim acrescenta ainda que “vem daí a ideia do basta”. “Aconselhamos as mulheres a apresentarem queixa por calúnia, subtração de menores. Que digam basta que fales de mim à vizinha uma vez, basta que me tires os meus filhos uma vez, basta que

maltrates o animal de estimação uma vez. Parecem que são coisas insignificantes, mas são sinais de que algo não vai correr bem.”

Para uma mulher de 84 anos, o seu basta chegou “após mais 50 anos de uma relação abusiva”. O namoro já não correu bem e o casamento não melhorou as coisas.

Nos primeiros seis meses do ano, as polícias receberam 13 071 queixas

A paz também não chegou com a idade. “às vezes pensa-se que a idade acalma, mas não é assim”, alerta o técnico da APAV. Neste caso, os filhos, que também tinham sofrido de violência na infância, estavam fora do país, o que deixou esta mulher “isolada”, vivendo “praticamente sequestrada dentro da sua própria casa”. Este ano decidiu por um ponto final em tudo. Pediu ajuda a um polícia e foi encaminhada para uma casa-abrigo, da qual até já saiu. “Entretanto, apresentou queixa e conseguiu que o marido

fosse afastado”, indica Daniel Cotrim. Voltou a casa com uma medida de proteção e está a ser acompanhada pela Cruz Vermelha e pela APAV. “Este caso mostra que é sempre possível ter uma nova oportunidade de vida”, sublinha o responsável da associação.

Apesar da demora na denúncia, as coisas correram bem, mas noutros casos as medidas de proteção não foram suficientes para travar a violência, conforme refere Daniel Cotrim, falando dos casos de mulheres assassinadas que tinham apresentado queixa contra os companheiros. “É preciso refletir sobre isso também”, porque “o silêncio ajuda a perpetuar ciclos de violência”. Além disso, “a sociedade também tem de dizer basta aos casos que tivemos este ano de assassinatos que andaram fugidos e depois de apanhados pelas autoridades eram aplaudidos pela população. Isso não pode acontecer”, critica.

Os números das autoridades policiais mostram que só no primeiro semestre do ano houve 13 071 queixas de violência doméstica. O que significa que em cada hora há três mulheres que denunciam situações em que são vítimas dos seus parceiros.

DISCURSO DIRETO

DANIEL COTRIM Responsável pela área de violência doméstica da APAV **sobre aumento das denúncias de vítimas masculinas**

“Começam a libertar-se da vergonha”

CM – As denúncias de homens vítimas de violência doméstica estão a aumentar. Isto deve-se a um aumento do número de casos ou à diminuição das barreiras sociais?

Daniel Cotrim

– Deve-se aos dois fatores. Há um aumento de participações junto das autoridades, também porque o estigma e o preconceito se vão quebrando. A violência doméstica é ainda um crime de género, afeta maioritariamente as mulheres, mas os homens já começam a libertar-se da vergonha.

– Os homens são alvo de que tipo de violência?

– Sobretudo violência psicológica, como a humilhação ou o



medo de tomarem refeições por temerem o envenenamento. Os efeitos e consequências não são muito diferentes dos sentidos pelas mulheres.

– Mas no caso dos homens vítimas as situações não acabam em morte?

– Não é tão comum, mas ocorre. Em 2013, dez homens foram vítimas de homicídio conjugal.

– Que tipo de ajuda procuram?

– Tendem a dirigir-se primeiro aos gabinetes de apoio à vítima e acabam depois por apresentar queixa. Procuram saber se têm direitos e se são reconhecidos como vítimas de violência doméstica. Nestes casos, a lei é aplicada de igual forma. ■ C.M.